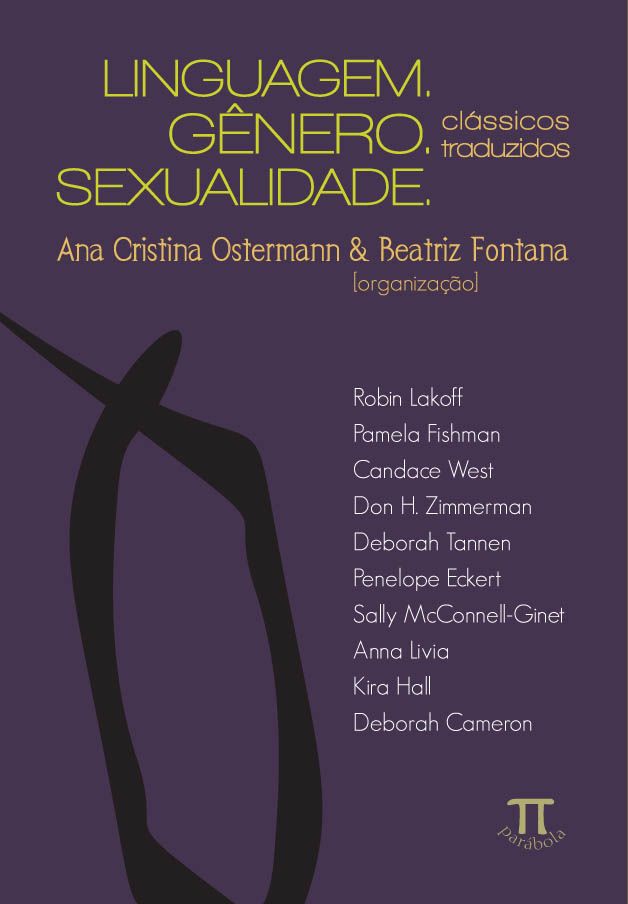
Resenha do livro:

LAKOFF, Robin [et al]. Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos. Organização e tradução Ana Cristina Ostermann, Beatriz Fontana. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.



Por Izabela Liz Schlindwein

Doutoranda interdisciplinar em ciências humanas

da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Há muitos dizeres por aí à espera do sentido de um autor. As conversas do dia a dia têm signatários, mas não autores. É preciso pronunciar as palavras (FOUCAULT, 2004). E foi o que fizeram Ana Cristina Ostermann e Beatriz Fontana (2010) ao organizar a coletânea “Linguagem. Gênero. Sexualidade”, livro que analisa a intenção dos dizeres escolhidos no dia a dia por homens e mulheres.

A obra é determinante no fundamento da corrente de pensamento que relaciona as três categorias de estudo anunciadas já no título da publicação. Se homens e mulheres “fazem” gênero por meio da linguagem (BUTLER, 1990), é importante tomarmos as palavras como instrumentos de poder. Por isso a urgência de estudarmos quais dizeres são eleitos, como são ditos, por que são ditos e quais impactos nas estruturas sociais.

O livro faz isso colhendo evidências pela fala das pessoas, conversas íntimas, quase sussurros ditos no habitat das ruas ou das famílias (brancas, de classe média e de língua inglesa). As falas são gravadas, em uma espécie de etnografia da palavra. Os dizeres e interrupções passam por uma descrição densa (GEERTZ, 1989).

Os estudos foram escritos entre 1973 e 1998, mas não podem ser datados por serem reatualizados todos os anos na fala de professores e alunos de áreas como a antropologia, educação, sociologia e comunicação. Apesar de serem mencionadas nas universidades brasileiras, as pesquisas circulavam pouco na versão original por terem sido publicadas nos Estados Unidos e Grã-Bretanha em periódicos acadêmicos ou obras de difícil acesso.

Foram traduzidos textos de Robin Lakoff, um extrato de *Language and Woman’s Place* (1973); de Pamela Fishman, *Interaction: The Work Women Do* (1983); de Candace West e Don H. Zimmerman, *Small Insults: A Study of Interruptions in Cross-sex Conversations Between Unacquainted Persons* (1987); de Deborah Tannen, *Who is Interrupting?Issues of Dominance and Control* (1990); de Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet, *Communities of Practice: Where Language, Gender, and Power all Live* (1992a); de Anna Livia e Kira Hall, *“It’s a Girl!”: Bringing Performativity Back to Linguistics* (1997); e de Deborah Cameron, *Performing Gender Identity: Young Men’s Talk and the Construction of Heterosexual Masculinity* (1998).

A tradução é assinada por pesquisadores e pesquisadoras que já dialogavam com tais autores. A começar por Robin Lakoff, que inaugura os estudos sobre linguagem em gênero na história. O ponto de partida é a constatação de que mulheres privilegiam a cooperação e a afiliação em suas falas e os homens conservam um estilo mais competitivo, no exercício de desempoderar as mulheres nas interações.

Desde os primeiros textos de Lakoff, as questões de fala-em-interação foram abordadas por outros estudos, problematizando a antiga crença de que as mulheres falam demais. “Linguagem. Gênero. Sexualidade” mostra os desdobramentos destes estudos. A tradição da sociolinguística se pronuncia por meio de três perspectivas teóricas: déficit, dominância e diferença na fala de homens e mulheres interagindo.

Como algo que as representa na enunciação, as mulheres experimentam discriminação linguística de duas maneiras: no modo como são ensinadas e no modo como o uso geral da linguagem as trata. Para este estudo, Lakoff revela que utilizou como objeto as falas da mídia, comerciais e os diálogos do dia a dia.

A menina que fala grosso ou de modo rude como um menino pode ficar isolada, xingada. Neste processo necessário da socialização, a menininha aprende bem sua lição. Mais tarde, ela será acusada de não conseguir falar claramente ou expressar-se convincentemente. Na idade adulta, a aquisição deste tipo de fala será também desculpa para que seja mantida em posição inferior.

A fala da mãe é a primeira voz que o bebê reconhece. E essa influência continuará marcante até os cinco anos. As meninas costumam enaltecer esta influência para falarem como uma dama e os meninos mudam o tom da voz para não serem ridicularizados.

Na idade de irem para a faculdade, as mulheres modulam as falas para uma linguagem neutra, prestando ainda mais a atenção na maneira como se expressam. Ao perceber que os professores são mais receptivos afalas sem emoção, ela pode passar a inverter a entonação. Para Lakoff, o efeito maior destas discrepâncias lingüísticas é o de que às mulheres foram negados os acessos ao poder por serem incapazes de mantê-lo.

As palavras adorável, encantador, lindo, doce, divino, por exemplo, dificilmente são pronunciadas por homens, correndo o risco de serem repreendidos. Outra diferença apontada pela pesquisa é o uso das chamadas *tag questions*, termo que no Brasil pode ser traduzido como “né”. Este tipo de elaboração é um jeito de falar menos assertivo e mais educado.

Lakoff sustenta que a discrepância nos jeitos de falar tem a ver com as diferenças nas posições que homens e mulheres ocupam na sociedade. Mesmo assim, estas não são funções ou identidades fixas. Tanto que as mudanças sociais causam mudanças linguísticas. E do mesmo modo, as alterações nos modos de fala influenciam, mesmo que lenta e indiretamente, mudanças de atitudes.

A segunda autora a falar no livro é Pamela Fishman (1983), com o artigo “O trabalho que as mulheres realizam nas interações”. Fishman (1983) vê as conversas como uma atividade negociada, sugerindo que uma interação bem-sucedida depende do trabalho executado pelos participantes. O trabalho investiga como homens e mulheres interagem verbalmente e como estas conversas contribuem para construir e manter relações hierárquicas.

As pessoas com poder de construir e impor sua definição de realidade são também as que têm definições econômicas e políticas socialmente predominantes nesta realidade. As conversas íntimas de casais requerem atenção contínua das partes. Mas nem sempre estas interações se desenvolvem de formasimétrica.

As pesquisas dePamela Fishman (1983) demonstram que os homens têm tendência a controlar a conversa. Por outro lado, as mulheres fazem muito mais perguntas do que os homens, o que pode ser interpretado como insegurança. Ou, ao contrário, pode ser visto como um recurso poderoso na busca pela continuidade das interações.

Nem sempre estas perguntas são respondidas. Muitas vezes, as mulheres ficam sem parceiros completos nas conversas. Isso porque os estudos indicam que os homens esforçam-se menos para manter as conversas, com respostas mínimas. Mesmo assim, são os homens que controlam o que será produzido como realidade na interação.

A perspectiva da dominância também é abordada por Candace West e Don Zimmermann (1987). O artigo sobre interrupções em conversas sugere que homens falam tanto ou mais que as mulheres. Entre as funções dos turnos mais longos dos homens está a de reduzir a frequência de interrupções feitas pelas mulheres.

Os pequenos insultos do dia-a-dia parecem triviais, mas podem se configurar como lembretes diários que ajudam a constituir a posição subordinada das mulheres. Sem contar que, conforme enfatiza o texto, encontros cotidianos reproduzem arenas institucionais mais amplas.

Deborah Tannen (1990) aprofunda a análise das interações partindo da ideia de que a conversa não é uma atividade na qual somente uma voz pode ser ouvida de cada vez. Nos grupos de mulheres, é comum haver uma sobreposição cooperativa de vozes. Tannen (1990) chama a atenção para as ouvintes que falam juntamente com as falantes em demonstração de apoio. Foi essa prática que levou os homens a criar o estereótipo de que as mulheres falam demais.

Além da questão de gênero, há de se considerar que há outros fatores no processo de socialização que interferem no estilo conversacional. Algumas culturas e etnias, por exemplo, favorecem modos de fala de alto envolvimento.

Tannen (1990) demonstra que a diferença de gênero vai além do estilo competitivo dos homens em oposição ao estilo cooperativo das mulheres. Para ela, as interrupções de fala podem ter a ver com as questões de dominação, mas também com demonstrações de interesse e carinho.

Ela acredita que as mulheres cedem às tentativas de dominação porque têm pouca experiência em driblar as tentativas de tomar as rédeas da conversa ou às vezes nem estão preocupadas com isso, e não porque são inseguras ou fracas.

Já a preocupação de Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet (1992) é com a abstração da linguagem e do gênero das práticas sociais. Eckert e McConnell-Ginet (1992) alertam para o problema da abstração em excesso, que pode ser sintoma de teorização de menos. Neste sentido, sugere que os estudos sobre linguagem e gênero pedem uma comunidade de prática acadêmica interdisciplinar.

E foi o que fizeram Anna Livia e Kira Hall (1997) e Deborah Cameron (1998) ao cruzarem as três categorias propostas no livro: linguagem, gênero e sexualidade. O ponto central dos artigos é a performatividade. O artigo das duas primeiras autoras é parte de uma coletânea que antecedeu a Berkeley Women and Language Conference, de 1994, tendo como preocupação central a relação inquieta da teoria *queer* com a teoria feminista.

As autoras acreditam que os performativos agem pela invocação. Isso porque as elocuções de gênero são mais do que descritivas: são prescritivas. Exigindo a escolha de um tipo de gênero apropriado para cada ato culturalmente percebido.

Para Butler (1993), a frase dita na cerimônia do casamento, “Eu vos declaro marido e mulher”, é central para a “heterossexualização do elo social”. Outro performativo semelhante citado pela autora é o pronunciamento que se faz na hora do nascimento. A fala “É uma menina” feita por uma parteira “inicia o processo pelo qual o tornar-se menina é motivado”. A partir das colocações, as autoras procuram encorajar os teóricos *queer* a reexaminar as raízes linguísticas de muitas premissas dessa teoria.

Deborah Cameron (1998) segue na questão da performatividade de Butler, reiterando que a fala é uma estilização repetida do corpo. Cameron (1998) é enfática ao dizer que homens e mulheres podem subverter ou resistir aos códigos de gênero predominantes. E a pergunta que faz é: como as pessoas usam recursos linguísticos para produzir a diferença de gênero.

Se a nossa língua é a nossa casa, é o que nos identifica, não existe sem o que a cerca, sem o contexto (HALLIDAY, 1993). Os discursos são formas de poder, hierarquia que não deveria estar relacionada ao fator biológico, já que as diferenças na interação humana são uma construção social e não biológica. Mesmo assim, o mundo é descrito como masculino ou feminino e, muitas vezes, o gênero gramatical não bate com o social.

Ao mesmo tempo, as práticas discursivas geram efeitos sobre a sociedade e podem produzir e reproduzir relações desiguais nas diferentes formas de interpretação. As palavras podem ser decifradas de acordo com os nossos interesses ou mesmo caladas e mantidas prisioneiras do papel caso nos perturbem a consciência.

A estrutura da linguagem permite inclusões (eliminação de agentes) e exclusões (alocação de papeis), abstração, objetivação e funcionalização. Usualmente, os homens são categorizados pelas suas funções sociais. Enquanto as mulheres, pela sua atuação na vida privada, “como esposa de...” ou “filha de...”.

Enquanto sistema simbólico, a linguagem é instrumento nas estruturas sociais patriarcais, às vezes refletindo e enfatizando a supremacia masculina. Enquanto as mulheres algumas vezes são caracterizadas como um grupo homogêneo, de estereótipos, os homens acabam tendo tratamento individualizado, que transcende ao gênero. Mas as mulheres, obviamente, não se comportam de maneira global.

A linguagem de homens e mulheres forma um contínuo sobreposto e não duas categorias distintas. Homens e mulheres são diferentes, mas a diferença não deve ser uma dificuldade. O problema está na exclusão e construção de estereótipos, nas identidades e representações fixas de feminilidade e masculinidade.

E se tudo o que pode ser significado pode ser dito (SEARLE, 1969), as falas e interrupções de brasileiros e brasileiras nos seus mais diferentes contextos e idades tornam-se um vasto campo a ser pesquisado dentro das categorias da linguagem, gênero e sexualidade.

Referências

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity.** New York: Routledge, 1990.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Judith. **Bodies that matter.** New York: Routledge, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** Décima edição. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**/Edgardo Castro; tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective [1985]. Victoria: Deakin University Press, 1993.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da Cultura. In: **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. Pp 13-44.

SEARLE, John. **Speech acts: an essay in the philosophy of language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEARLE, John. **Expression and meaning: studies in the theory of speech acts.** Cambridge: Cambridge University Press, 1969.